



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **A ATUAÇÃO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: QUESTÕES DA ATUALIDADE E SABERES PEDAGÓGICOS**

Mariana Silva Lustosa (1); Raissa Mirella Meneses Alves (1); Maria Simone Medeiros de Araújo (2); Paulo César Geglio (Orientador)

*Universidade Estadual da Paraíba, marisilvalustosa@gmail.com; raissaalves75@gmail.com; msimonebio@yahoo.com.br; Universidade Federal da Paraíba, pgeglio@yahoo.com.br.*

### **Resumo**

Este estudo reflete sobre alguns temas que interferem ou influencia na atuação do professor do nível superior no atual cenário social. Procuramos, a partir de um estudo bibliográfico, discutir a importância dos saberes pedagógicos do professor universitário na formação dos alunos de graduação. Observa-se que no ensino superior os conhecimentos pedagógicos são pouco utilizados por esses docentes, havendo uma valorização do domínio do conteúdo como objetivo principal para exercer a docência no ensino superior. Mesmo considerando que o aluno do ensino superior é adulto, o professor precisa ser um constante motivador para que eles obtenham uma aprendizagem significativa durante a formação. Os alunos não são iguais, eles têm capacidades e habilidades cognitivas diferenciadas e cabe ao professor exercer sua didática de modo flexível às necessidades de seus alunos, portanto, é essencial um profissional que tenha, além de domínio de conteúdo, suporte pedagógico para conseguir que a aula seja significativa na formação dos alunos. Compreendemos que é necessário mais investimento em formações pedagógicas nas Universidades, para que assim o professor desenvolva suas aulas com maior significado para o aluno que está em processo de formação.

**Palavras-chave:** Ensino superior, Professores, Alunos.

### **Introdução**

Este texto apresenta uma reflexão sobre questões relacionadas à atuação do professor universitário no atual cenário social. Especificamente, discutimos a prática didático-pedagógica desse profissional. Para isso, recorreremos à contribuição de alguns autores como: Fischer (2009), Ferreira (2009), Ferreira (2010), Masseto (2009) e Silva (2013). Consideramos suas contribuições importantes na medida em que apresentam uma visão de professor universitário que repensa sua prática pedagógica a fim de contribuir com a formação crítica dos alunos.

De acordo com Fischer (2009), as atividades acadêmicas têm gerado cada vez mais desinteresse e desencanto em relação às aulas da universidade. Muitos docentes, assim como ocorre na educação básica, limitam-se a utilização do livro didático como único recurso na mediação de suas aulas, e cabe aos alunos procurar aprofundamento em outros meios.



Consideramos que, além de utilizar outros recursos como fonte de informações como, por exemplo, sites, vídeos, filmes etc., o professor do ensino superior precisa atentar que os alunos trazem consigo informações que precisam ser consideradas durante o processo de ensino para que a aula ocorra de maneira contextualizada, possibilitando a associação do conteúdo ministrado com os conhecimentos prévios dos estudantes, tendo em vista que informações descontextualizadas pouco geram aprendizado de fato.

Ao ingressar no ensino superior o graduando espera que o professor aborde os conteúdos de maneira a promover a aprendizagem para a futura atuação profissional. No entanto, geralmente, o graduando se depara com aulas meramente expositivas com a transmissão de informações isoladas e de difícil compreensão, o que resulta, muitas vezes, na desmotivação dos estudantes.

Desta maneira, a formação continuada dos professores universitários em relação à prática pedagógica torna-se indispensável no atual cenário social. Inovações tecnológicas, alunos com demanda de conhecimentos diferenciados são alguns temas que necessitam reflexão e adaptações dos atuais professores do nível superior.

### **Desafios e possibilidades da sala de aula universitária**

Fischer (2009) afirma que há autores que defendem que o professor do ensino superior não precisa de pedagogias para lecionar, basta ter domínio de conteúdo. Se considerarmos esse pressuposto, estamos aceitando que a sala de aula é homogênea e que todos aprendem da mesma forma. Talvez seja esse um dos pontos mais preocupantes em relação à docência no ensino superior.

Os alunos não são iguais, eles têm capacidades e habilidades cognitivas diferenciadas e cabe ao professor exercer sua didática de modo flexível às necessidades de seus alunos, portanto, é essencial um profissional que tenha, além de domínio de conteúdo, suporte pedagógico para conseguir que a aula seja significativa na formação dos alunos. Conforme Fischer (2009, p.8), “[...] ainda que somente alunos adultos constituíssem este cotidiano,



ainda assim não se justificaria que um professor menosprezasse a dimensão pedagógica, inerente a qualquer processo de ensino, independente do nível em que ele atue”.

Nessa mesma perspectiva, Ferreira (2009, p.2) diz que “[...] para objetivos diferentes, obviamente, os métodos de ensino têm que ser, necessariamente, diferentes”. Com isso, não há como se obter aprendizado para todos os componentes curriculares de um curso utilizando as mesmas avaliações, as mesmas metodologias e os mesmos livros por décadas. Adaptar e modificar as estratégias de ensino é uma necessidade da universidade para um ensino de qualidade na atual sociedade.

No passado quando o indivíduo conseguia ingressar em um curso superior, o comportamento dele era de ouvir com reverência os saberes de seus mestres para conseguir sucesso na aprendizagem. No momento atual embora exista altas concorrências por uma vaga na universidade, ao conseguir o egresso na universidade o aluno não se concentra mais com uma exposição oral do professor como uma transmissão de alguém que conhece para quem não conhece sobre determinado conteúdo (FISCHER, 2009).

Fischer (2009) defende que a aprendizagem efetiva só acontece quando os sujeitos tornam-se parte ativa do processo de ensino e aprendizagem, envolvendo-se inteiramente com o objeto de conhecimento. A atitude de mediação do professor é que vai proporcionar que o conhecimento seja construído, reelaborado pelos alunos e não somente transmitido.

Assim, quando o ato pedagógico envolve discussão e participação entre alunos e professor, o sucesso na construção de conhecimento fica evidente no ambiente acadêmico (FISCHER, 2009).

O perfil social dos alunos que frequentam a universidade mudou. O docente do ensino superior necessita entender que informação por informação não faz mais sentido no atual cenário social, no qual a informação pode ser encontrada pelo aluno em diferentes fontes, com a internet, televisão, revistas etc. Neste sentido,

[...] as características de uma sociedade em permanente mudança implicam que, ao ensino superior, caiba à responsabilidade de preparar jovens adultos, não só com um



conjunto de conhecimentos científicos e tecnológicos atuais, mas também de apropriação de saber, profissionais e sociais que lhes permitam a integração na vida social, bem como capacidade permanente de atualização (FERREIRA, 2009, p.8).

Segundo Ferreira (2009) nesta era da comunicação e da informação a prática pedagógica do professor universitário deve conceber a construção de novos ambientes de aprendizagem que conduzam os alunos ao exercício reflexivo, bem como uma compreensão multidisciplinar sobre os temas estudados.

Como já mencionado, as tecnologias, como a internet, possibilitam aos alunos um acesso fácil a artigos e livros usados nas disciplinas. Cabe ao professor mediar essas informações para que os seus alunos as transformem em novos conhecimentos. Nesta perspectiva, a utilização de diferentes recursos e estratégias metodológicas para a promoção desta mediação será indispensável, dentre estes recursos, destacamos as novas tecnologias de informação e comunicação.

Uma perspectiva de aliar a atuação do docente com as tecnologias da informação é a possibilidade de realizar algumas atividades da disciplina usando mídias digitais, tais como plataformas de ensino como forma de extensão da sala de aula. A partir dessa integração com as tecnologias, o docente pode despertar algo a mais na motivação do aluno para aprender tal conteúdo. Segundo Masseto (2009, p.11):

Os recursos eletrônicos facilitam a pesquisa, a construção do conhecimento em conjunto ou em equipe, a intercomunicação entre alunos e entre estes e seus professores. Apresentam um novo modo de se fazer projetos, de simular situações reais, de discutir possíveis resultados ou produtos esperados, de analisar diversas alternativas de solução.

Para o autor acima, a aprendizagem com o auxílio de meios diferentes da aula tradicional se realiza mais facilmente porque coloca o graduando em mais contato com a realidade, através dos meios que ele usa no seu cotidiano (MASSETO, 2009).

O professor precisa levar em consideração também, que a relação professor-aluno é agente instigador no processo de aprendizagem. A interação do aluno com o professor através do compartilhamento de saberes torna mais efetiva a aprendizagem por parte do aluno. Deste



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

modo, consideramos que os professores precisam atuar de maneira a considerar as opiniões e os conhecimentos dos alunos, pois, muitas vezes, ao se portar como único detentor do conhecimento o professor inibe qualquer ação do aluno. Sobre isso, concordamos com Fischer (2009, p.3), quando aponta que “[...] o ato pedagógico não pode deixar de considerar as mudanças ocorridas na sociedade no que diz respeito ao plano das relações interpessoais, pois elas atingem de forma significativa o que comumente se domina clima da sala de aula”. A interação que o professor proporciona durante o desenvolvimento de suas aulas influencia significativamente na aprendizagem de conhecimentos dos alunos.

Ao mesmo tempo em que o professor ensina os conteúdos, ele também aprende e amplia suas possibilidades didáticas, identificando a forma na qual os alunos estão demonstrando a aprendizagem requerida. Nesse mesmo sentido, Silva (2013, p.3) afirma que:

Chega-se então à conclusão de que ambos se beneficiam um do conhecimento do outro. Um se beneficia das sensações e percepções do outro reciprocamente. A relação do educar, sob este ponto de vista, é profundamente humana e leva em consideração que ambas as partes ensinam, mas também aprendem. E não sendo desta forma, não há de fato o exercício da aprendizagem.

O professor é o mediador, e não o transmissor da informação, por isso, quando este reconhece a importância da relação humanizada para com seus alunos, o exercício da aprendizagem torna-se significativo. Conforme Ferreira (2009), a interação professor e aluno proverá ritmo e afetividade como um alicerce eficaz na progressão de construção de conhecimento na sala de aula.

Um das possibilidades que o professor universitário pode utilizar em sua prática, sugerida por Fischer (2009), é que o processo de ensino seja organizado sempre a partir de provocações desafiadoras, pois assim o professor mantém a interação entre o objeto de estudo e os interesses dos alunos, fazendo-os perceber que há sentido em estudar determinado conteúdo. A autora sugere ainda que ao finalizar suas aulas o professor deixe uma interrogação para seus alunos buscarem estudar e compreender melhor o que foi discutido, em vez de dar ponto final e partir para outro tema.



Nessa mesma perspectiva, Masseto (2009, p.6) aponta que [...] “juntos os alunos, socializando as informações obtidas, procuram resolver a questão debatendo-a com os colegas, com o professor, aprofundando aspectos teóricos, desenvolvendo a habilidade de aplicação das teorias às situações concretas”. É por meio da aplicação de estratégias planejadas e bem preparadas para cada turma e para cada conteúdo que o envolvimento dos alunos se torna mais efetivo e facilita assim a apropriação de novos conhecimentos (SILVA, 2013).

Para Ferreira (2010), a docência no ensino superior tem a missão de formar o profissional, para isso, as questões pedagógicas devem ser envolvidas a favor desse objetivo. No caso da formação de professores, referindo-se aos cursos de licenciatura, a autora defende que o docente seja alguém que conheça bem a realidade e o campo de trabalho escolar, seja por experiências profissionais, ou até mesmo que trabalhe com projetos educacionais.

O professor deve saber correlacionar os conteúdos e a prática didática, identificando limites, dificuldades e possibilidades do magistério. De nada adianta um professor que só tem conhecimento teórico sobre um assunto e nada sabe sobre processos de ensino, de avaliação ou de comportamento dos alunos. O docente do nível superior precisa estar bem preparado, para que possa passar segurança aos alunos graduandos quanto ao conteúdo, como também, com relação à como usar esses conhecimentos nas suas futuras aulas (FERREIRA, 2010).

O aluno universitário é um aluno adulto, com aspirações e objetivos mais desenvolvidos que o aluno criança. Nesse sentido, o ensino deve ser focado na sua área escolhida. As linguagens e a comunicação do professor precisam despertar interesse nos alunos, logo, atitudes de reflexão e questionamento do cotidiano facilitam a aproximação dos conteúdos a serem trabalhados nas salas de aulas universitárias (FERREIRA, 2010).

Segundo Silva (2013, p.13):

observa-se também que na fase adulta o aluno participa mais do seu processo de aprendizagem e tem maior consciência quanto aos comportamentos exigidos na sociedade e no ambiente profissional, pois possui maior clareza sobre seus objetivos e sobre os caminhos que deve percorrer para chegar a eles. Mas nem por isso o





docente do ensino superior deve esquecer-se da importância deste aluno adulto ser constantemente e adequadamente motivado para mudar seu comportamento caso esta mudança seja necessária para o alcance da construção do seu aprendizado. No entanto, como cada indivíduo possui características próprias de desenvolvimento e como para entender o raciocínio do aluno ingressante no ensino superior é preciso compreender que o universo de um adulto é amplo e de difícil categorização, o docente precisará conversar com o aluno para entendê-lo e para que a necessária contextualização das atividades propostas aconteça de forma a propiciar ao professor e ao aluno o bom desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Entende-se que o docente do ensino superior precisa mostrar ao aluno adulto qual a intencionalidade de cada conteúdo para sua formação, motivá-los de que é preciso aprender, bem como, mostrar que ele também é responsável pela sua aprendizagem. Desta forma, Ferreira (2010) e Silva (2013) compartilham a ideia de que mesmo sendo adulto, o aluno do ensino superior e o professor universitário precisam caminhar juntos para que o ensino e a aprendizagem se estabeleçam com qualidade na construção dos conhecimentos.

Ferreira (2010) nos mostra que os saberes pedagógicos são conhecimentos que possibilitam o docente resolver criativamente as situações de aprendizagem e enfrentar situações não previstas. Embora a maioria dos docentes universitários não se preocupe com essa questão, é um saber indispensável ao processo de ensino. O docente estará sempre desafiado a fugir da lógica tradicional de ensino por transmissão-recepção para atingir seu alunado do presente mundo globalizado e interconectado (FERREIRA, 2010).

Nesse sentido, Ferreira (2009) acrescenta que para que o professor do ensino superior se mantenha como um bom profissional na atualidade, este deve procurar uma constante atualização de saberes pedagógicos e científicos, para conduzir seus alunos a uma compreensão multidisciplinar dos fenômenos que ocorrem na sociedade.

Considerando a fragilidade dos saberes pedagógicos apresentados nas aulas dos professores universitários, Ferreira (2009) indica que as universidades utilizem meios de aprendizagem não presencial para realizar cursos de formação pedagógica com o propósito de melhorar a qualidade do ensino no nível superior. E que esses cursos pedagógicos sejam valorados no currículo deste docente.



O professor como intelectual traduz as ideias nas coisas da vida, é, a partir de seu discurso, que influencia e proporciona novas interpretações em seus alunos. Ao difundir saberes acadêmicos na sua atuação, dissemina maneiras de ser e pensar que produzirá efeitos nestes cidadãos profissionais em formação (MELLOUKI; GAUTHIER, 2004).

Para ser um bom docente do ensino superior o professor precisa ter um bom domínio de sua área de atuação, desenvolver pesquisas, mas, também, ser conhecedor da área pedagógica, pois só assim será capaz de desenvolver um currículo útil ao profissional em formação, em que os conteúdos sejam compreendidos com eficiência durante seu discurso na sala de aula. Nesta perspectiva, concordamos com Silva (2013, p.11) quando afirma que:

O bom docente trabalha para direcionar a aprendizagem de seus alunos através dos objetivos da instituição de ensino na qual trabalha, com autonomia para encaminhá-los além das exigências mercadológicas. Sempre atualizado com os acontecimentos do mundo contemporâneo e interessado em conhecer seus alunos, o bom docente será capaz de orientá-los e de formá-los de maneira que possam se posicionar social e profissionalmente em suas carreiras no futuro.

Nesta perspectiva, o docente da universidade atual, precisa facilitar o aprendizado para que, além das exigências mercadológicas, o aluno apresente conhecimento suficiente à sua formação em nível superior, capacidades intelectuais e cognitivas desenvolvidas enquanto adulto graduado em dada profissão (SILVA, 2013).

Como diz Ferreira (2009), “aulas cristalizadas” contribuem apenas para a precariedade da academia, afastando a evolução de conhecimentos dos alunos da universidade contemporânea. Assim, nos dias de hoje, o objetivo central do ensino universitário, ancorando-se na perspectiva de Ferreira (2009), é desenvolver nos alunos uma mentalidade científica de rigor, capacidade de raciocínio, de análise, criatividade e senso crítico que são requisitados pelo mercado trabalho desses futuros graduados.

Fischer (2009, p.4) afirma que:

Ensinar certamente é, provocar o conhecimento intelectual e isso não se faz através de aulas onde, ao longo do semestre, só o professor fala e/ou faz demonstrações no quadro. Aprender não significa acumular informações memorizadas sem sentido.





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Aprender, efetivamente, significa que o aluno, diante de situações novas, é capaz de alternativas argumentando teoricamente em favor de suas escolhas.

O professor que estimula, portanto, o aluno a desenvolver análise e síntese instiga-o a se desenvolver intelectualmente e com tomada de decisão quando questionado pela sociedade. O ensinar é um processo complexo, por isso a docência no ensino superior não pode restringir a uma mera transmissão (FISCHER, 2009; FERREIRA, 2009).

Neste sentido, Ferreira (2009) nos apresenta que o papel do professor facilitador de aprendizagens deve privilegiar em suas aulas:

[...]a compreensão em relação á memorização;treinar a capacidade de aquisição e assimilação crítica da informação; fomentar a interatividade do ensino com grande participação dos alunos e utilizar métodos diversificados de ensino[...](FERREIRA,2009, p.3).

Desta forma, as situações de aprendizagem passam a exigir participação ativa dos alunos para construir novos saberes acadêmicos e colaboram para que as aulas mais vivas e atraentes (FERREIRA,2009).

De acordo com Silva (2013, p.7), “as melhores estratégias para trabalhar com os alunos da contemporaneidade serão aquelas que atendam às dinâmicas desta nova geração de alunos (estímulo, experiência, envolvimento e emoção)”. O professor deverá organizar suas aulas de modo que o conteúdo seja instrumentalizado em estratégias que facilite o bom aproveitamento de seus alunos na aprendizagem.

Já na visão de Fischer (2009, p.5), algumas das possibilidades que podem contribuir no exercício da docência no ensino superior são que

[...] numa perspectiva critica, isto é acompanhada de constante reflexão sobre seu próprio trabalho docente, o que todo professor pode fazer a cada aula, resume-se no seguinte: a) provocar questionamentos concretos (problematizar); b) colocar a disposição fontes e materiais; interagir com as ideias dos alunos (devolvendo questões, alternativas, propondo novas reflexões).

A reflexão do professor sobre as necessidades de sua turma é que vai definir quais as estratégias são apropriadas ou não para cada aula. O que a autora defende é que o professor faça as aulas gerarem conhecimentos de fato. Compete ao professor utilizar-se de variação de



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

metodologias, técnicas e recursos, visando à aprendizagem e o acompanhamento do processo percorrido pelo aluno e a avaliação do seu progresso (SILVA, 2013).

## Considerações Finais

Ante o exposto, consideramos que o professor do ensino superior tem que estar aberto a processos de mudança e a reflexão acerca da sua atuação profissional. A Universidade deve procurar incentivar formações pedagógicas que propiciem aos professores se apropriarem de novas estratégias de ensino que possam ser usadas nas suas aulas.

Como os professores do nível superior são originários de cursos que podem não ser licenciatura, a ausência de disciplinas pedagógicas deixam lacunas na sua atuação docente. O que se indica é que a Universidade incentive a participação de seus docentes em cursos de formação continuada em didática, para que estes profissionais reflitam acerca da contribuição de suas aulas na formação de seus alunos.

Mudar não é fácil, mas é preciso no atual cenário educacional. Além de formar o profissional, o professor do ensino superior precisa compreender que ele está formando também consciência, valores e atitudes nos indivíduos, por isso, considerar os aspectos interpessoais que aparecem no contexto da aula é de fundamental importância para uma formação de nível superior de qualidade e com significado para quem estuda alguma graduação.

Conforme Silva (2013), ensinar vai além de comunicar conteúdos, ensinar é proporcionar ao aluno o conhecimento das informações e levá-los a construir seu conhecimento a partir do que lhes foi apresentado. Por isso, o perfil do professor da atualidade deve privilegiar o professor facilitador, co-participante, que fala, mas também escuta o seu aluno e propõe novas maneiras, tecnológicas ou não, de envolvê-los, visando à aprendizagem.

## Referências

FERREIRA, M. P. M. **O professor do ensino superior na era da globalização**. Revista Ibero-americana de Educação, n.º 50/5, 2009.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FERREIRA, V. S. **As especificidades da docência no ensino superior.** Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 29, p. 85-99, jan./abr. 2010.

FISCHER, B. T. D. **Docência no ensino superior: questões e alternativas.** Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 311-315, set./dez. 2009.

MASETTO, M. T. **Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas.** 2009. Disponível em <  
[http://www.escoladavida.eng.br/ anotacao pu/Formacao%20de%20Professores/atividades%20pedagogica%20no%20cotidiano\\_da\\_sala\\_de\\_aula.htm](http://www.escoladavida.eng.br/ anotacao pu/Formacao%20de%20Professores/atividades%20pedagogica%20no%20cotidiano_da_sala_de_aula.htm)> Acesso em 02 jun. 2015.

MELLOUKI. M.; GAUTHIER C. **Formação de profissionais da educação. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, interprete e crítico.** Educação & Sociedade, 87 (5), 2004.

SILVA, L. R. **Docência na contemporaneidade: desafios para professores no ensino superior.** Revista Primus Vitam, nº5, 1º semestre de 2013.